

# O ESPÍRITO SANTO E A FUNÇÃO TRANSCENDENTE: UMA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

## THE HOLY SPIRIT AND THE TRANSCENDENT FUNCTION: A PSYCHOLOGY OF RELIGION

**Roberto Rosas Fernandes**

Doutorando em Ciências da Religião PUC-SP

betorofer@uol.com.br

**Resumo:** O presente trabalho é uma proposta de integração da Teologia com a Psicologia Analítica, tendo como ponto de convergência o Espírito Santo – ou a Função Transcendente postulada por Carl G. Jung. Tal integração se faz útil e necessária, uma vez que ambas – Religião e Psicologia – abarcam as grandes angústias do ser humano e almejam a conversão do sujeito, isto é, o caminho de volta da alienação ao centro do sujeito, que, por natureza, é divino. Nesse sentido, a Psicologia da Religião se mostra especialmente eficaz, sendo um braço significativo das Ciências da Religião. Este texto também utiliza a teoria de Arthur Schopenhauer e da metafísica do Cristianismo Gnóstico.

**Palavras-chave:** Psicologia da Religião, Função Transcendente, Espírito Santo, Narcisismo, Vontade

**Abstract:** This article aims to integrate between Teology and Analytical Psychology, considering the Holy Spirit – or the Trancendent Function, as proposed by Carl G. Jung – as their converging point. Such integration is useful and necessary, since both – religion and Psychology – comprehend the great anxieties of mankind. Both of them aim at converting the human being, that is, bringing him back from his alienation into his real center, which is, by nature, divine. Therefore, Psychology of Religion is specially effective as a significant part of Religion Sciences. This article also refers to Arthur Schopenhauer's theory and the Gnostic Christianity metaphysics.

**Keywords:** Psychology of Religion, Transcendent Function, Holy Spirit, Narcissism, Will

Jesus disse [aos apóstolos]: vi Satanás cair do céu como um raio. Eis que vos dei poder para pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus. Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: “Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece quem é o filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Lc 10, 18-22).

Jesus venceu Seu próprio demônio. Como um herói do dinamismo de alteridade<sup>1</sup>, transcendeu Sua própria sombra<sup>2</sup>, que é tanto individual quanto coletiva. Usou uma linda metáfora para falar, de maneira simbólica, sobre a Sua experiência psíquica ou, se preferirmos, espiritual. Na linguagem psicológica, teve um grande *insight*. Diferenciou-se de Sua sombra de poder. Movido pelo entusiasmo (do grego, *in theos*, “Deus dentro de si”), Jesus compartilhou, como os seus apóstolos, Sua grande revelação: Sua diferenciação de Satanás.

O Messias empenhou-se em alertar os apóstolos para que não caíssem na tentação da inflação do ego, diante do poder que estavam adquirindo de converter os homens-serpentes, ou homens-escorpiões, com a energia divina que lhes nutria e lhes dava poderes espirituais. Como entender essa passagem? Podemos supor que Jesus teve uma vivência similar à que teve no deserto, o que demonstra que o diálogo com a sombra é constante, já que ela é arquetípica, isto é, faz parte do nosso arcabouço psíquico. Portanto, é recorrente em nossas vidas. Não desaparece definitivamente, como bem sabem os psicoterapeutas e todos aqueles que se dedicam ao autoconhecimento.

<sup>1</sup> Dinamismo de Alteridade é o dinamismo psíquico regido pelo arquétipo de alteridade, que é o arquétipo responsável pela Consciência de Alteridade (a Consciência da dialética que engloba a relação entre os opostos. É mais abrangente que a consciência patriarcal, que tende a reprimir uma das polaridades em prol de outra).

<sup>2</sup> A sombra é o conjunto de aspectos inconscientes ou escondidos de si -mesmo, tanto bons quanto maus, que o ego ou reprimiu ou nunca reconheceu. A sombra não é só o lado escuro da personalidade. Ela também consiste em instintos, habilidades e qualidades de moral positivas que foram enterradas há muito tempo ou que nunca foram conscientes.

Glossário de Termos Junguianos: <http://www.salves.com.br/j-glossam.htm>.

Jesus viu Sua sombra, antropomorfizada na imagem de Satanás, cair do Seu próprio céu, do Seu imaginário. Diferenciou-se, com isso, de sua ambição demoníaca. Aconselhou os Seus apóstolos para que fizessem o mesmo, usando novamente Sua capacidade simbólica. Falou sobre “serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo” – a sombra –, recomendando que se preocupassem com algo mais sutil do que o poder que eles, como Jesus, já tinham adquirido, uma vez que o poder não vinha deles próprios, mas do Altíssimo. Identificar-se com o poder do Alto é achar-se Deus. É o que estamos chamando de inflação.

Em seguida, cheio de amor no coração, agradeceu a Deus pelo fato de apenas os pequeninos, os humildes, serem capazes de receber o Espírito Santo. O Espírito é santo, porque é puro. Limpo de convicções, de certezas, de idéias preconcebidas. Ele nos revela o pão nosso de cada dia, o alimento que nos aproxima a cada instante de Deus. Os “sábios e inteligentes” estão inflados, identificados com a razão, com a lei, com a lógica preestabelecida pela dogmática, ou pelo próprio “bom senso”. O homem cheio de soberba intelectual, identificado com os seus bens materiais sofre de um autismo espiritual. Jesus, contudo, venceu o demônio pelo coração, pelo desapego, por Sua profunda rendição ao Sagrado. Por Sua capacidade simbólica de realizar a Vontade do Criador, já que o Sagrado é humildade, é a transcendência do narcisismo, que é auto-referente. É a abertura para o Outro, tanto o Outro de dentro, quanto o de fora. Foi o Espírito Santo que o inspirou e o fez observar uma “lógica” divina, revelada pelo símbolo em forma de imagem psíquica, pela graça da comunicação simbólica.

A revelação de Deus é dada aos puros de coração. Sem essa graça, não chegamos à nossa identidade ontológica, mas ficamos identificados com as demandas da sombra ou com nosso eu que foi idealizado na identificação com nossos pais, com as idéias coletivas, com a religião institucionalizada e com a cultura opressora, que elege mitos, ritos e símbolos criados por uma economia que dissocia o ser humano da contemplação, da interiorização e do amor por si mesmo e pelo outro. Todas essas forças de alienação forjam uma argamassa de comportamentos defensivos e padrões regressivos de ação no mundo, funcionando como uma couraça que blinda nosso contato com os nossos sentidos e, principalmente, com o coração que revela o Transcendente e Sua justiça. Tornamo-nos, assim, passivos, dissociados e distantes da nossa centralidade. A emancipação do

indivíduo é negada, e a obediência e o mimetismo passam a ser virtudes. Além de reforçar os padrões adquiridos na infância, a cultura reforça o “falso *self*” – ou o “falso eu”. A pessoa sabe que não está alinhada com a sua essência, e o mal-estar passa a ser um companheiro constante. Alexander Lowen, o Pai da Bioenergética, comenta:

O narcisismo denota um grau de irrealidade no indivíduo e na cultura. A irrealidade não é apenas neurótica, ela toca as raízes da psicose. Existe algo de loucura num padrão de comportamento que coloca a ambição de êxito acima da necessidade de amar e ser amado. Há algo de loucura numa pessoa que não está em contato com a realidade de seu ser – o corpo e suas sensações. E existe algo de loucura numa cultura que polui o ar, as águas e a terra em nome de um padrão de vida “mais elevado” (LOWEN, 1993, p. 10).

Lowen, ao desenvolver sua tese sobre o narcisismo, diz ainda: “liquidação do reino do céu em troca do poder é uma transação diabólica. É a transação feita pelo narcisista”. Jesus busca, no seu Evangelho, a volta do ser humano ao *anthropos*, ao verdadeiro *Self*. À medida que a Psicologia faz a leitura da Boa-Nova, não reduz o Mistério, já que tudo é Mistério. Busca, contudo, uma base empírica, distanciando-se, em parte, da Filosofia e da Metafísica.

Carl Jung, fundador da Psicologia Analítica, observa:

Embora me tenham chamado freqüentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantenho fiel ao ponto de vista fenomenológico. Mas não acho que infringimos os princípios do empirismo científico se, de vez em quando, fazemos reflexões que ultrapassam o simples acúmulo e classificação do material proporcionado pela experiência. Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a “experiência” constitui um processo de assimilação, sem a qual não há compreensão alguma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. Na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica: limito-me, portanto, a observar os fenômenos e me abster de qualquer abordagem metafísica ou filosófica. Não nego a validade de outras abordagens, mas não posso pretender uma correta aplicação desses critérios (JUNG, 1983, p. 2).

A ciência nunca ousaria falar como Jesus. Portanto, a religião foi para um lado, e a ciência para o outro. A própria Teologia carece de entendimento psíquico. Ela se perde em idealizações e em boas intenções, geralmente olhando para fora, mesclando-se com a política e a economia, sustentando, assim, seu *status* de ciência. Aventura-se, também, pela ciência da exegese, pelo rigor histórico, e distancia-se de sua matéria-prima: a alma humana.

A linguagem mítica e subjetiva provoca arrepios à ciência, o que faz lembrar os anos sombrios da Inquisição, nos quais a subjetividade defensiva religiosa negava e castigava todas as descobertas objetivas e criativas da ciência. Vivemos o contraponto: tudo o que é subjetivo não é científico. É carente de verdade. A ciência positivista coroou-se como o valor supremo. A pesquisa psicossomática e a psicoterapia, por sua vez, procuram resgatar a subjetividade simbólica, demonstrando ao núcleo duro da ciência que questões da subjetividade psíquica interferem no organismo de múltiplas maneiras. Assim, não apenas a nicotina, o excesso de açúcar, os produtos transgênicos podem ser nocivos à pessoa, mas também as dissociações tanto da afetividade, quanto da espiritualidade.

**“Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos.”**

A simplicidade fundante da espécie humana, paradoxalmente, saiu de cena na Modernidade. Nietzsche, ainda no século XIX, diagnosticou que o luxo é uma compensação para o lixo espiritual. A Psicologia, ao abraçar a religião, encontra metáforas perfeitas da relação do ego com o *Self*<sup>3</sup>.

Podemos definir saúde psíquica como o encontro criativo do inconsciente com o consciente e, simplicidade e serenidade, como sinônimos de equilíbrio entre essas duas potências.

O texto que segue é a expressão dessa pureza perdida de coração. Um velho lavrador, desprovido de qualquer erudição, fala do Espírito Santo de

<sup>3</sup> *Self* é o centro regulador da psique; “o princípio unificador a partir do qual se integrarão os opostos, o bem e o mal, a consciência luminosa e as trevas do inconsciente, pois estes pólos são inseparáveis e estão contidos no *Self*”.

Psicologia Analítica – Glossário da Dinâmica Estrutural da Psique:

[http://paginas.terra.com.br/saude/psicologiaemfoco/monografias\\_glossario\\_gesualdi.htm](http://paginas.terra.com.br/saude/psicologiaemfoco/monografias_glossario_gesualdi.htm)

forma tão clara e sincera, que é a prova cabal do que Jesus falou:

É bom que o senhor me pergunte, porque acho que na cidade falam, falam e acertam pouco. Sem ofensa, até acho que não sabem nada, de nada. Mas eu digo como é que meu pai dizia e o pai dele lembrava muitas vezes como era. Eu digo que os dons do Espírito Santo são sete e são sete porque é assim mesmo, é um número que vem dos antigos, como as sete partidas do Mundo ou os sete dias da semana e não vale a pena estar a aprofundar muito porque não se chega a lado nenhum e só complica. E o primeiro dom do Espírito Santo é a Sabedoria – é o dom da inteligência e da luz. Quem recebe este dom fica homem de sabença. Os apóstolos estavam muito atoleimados e cheios de cagança e veio o Divino que botou o lume nas cabeças deles e eles ficaram mais espertinhos. Depois vem o dom do Entendimento. Este está muito ligado ao outro, mas aqui, quer dizer mais a amizade, o entendimento, a paz entre os homens. Este é assim: o Senhor Espírito Santo não é de guerras e quem tiver pitafe dum vizinho deve de fazer logo as pazes que é para ser atendido. E o terceiro dom do Espírito Santo é o do Conselho – o Espírito Santo é que nos ilumina e indica o caminho. É a luz, o sopro ou seja, o espírito. É por isso que tem a forma de uma Pomba, porque tudo cria e é amor e carinho. O quarto dom é o da Fortaleza, que vem amparar a nossa natural fraqueza – com este dom a gente damos testemunho público, não temos medo. Quem tem o Senhor Espírito Santo consigo tem tudo e pode estar descansado. Depois vem o dom da Ciência, do trabalho e do estudo. O saber porque é que as coisas são assim e não assado. É não ser toleirão nem atorresmado como muitos que há para aí. O senhor sabe! O dom da Piedade e da humildade é o sexto dom. Quer dizer que o Senhor Espírito Santo não faz cerimónia nem tem caganças. Assim os irmãos devem ser simples e rectos. E depois, por derradairo, vem o sétimo dom que é o Temor mas não é o temor de medo. É o temor de respeito – para cá e para lá. A gente respeita o Espírito Santo porque o Senhor Espírito Santo respeita a gente. Temor não é andar de joelhos esfolados ou pés descalços a fazer penitências tolas: é fazer mas é bodos discretos com respeito mas alegria que o Espírito Santo não tem toleimas nem maldades escondidas. É isto que são os sete dons do Espírito Santo e o senhor se perguntar por aí ninguém vai ao contrário, fique sabendo<sup>4</sup> (DUARTE, 2007).

Como encontrar a realidade do Espírito Santo pelo viés científico, mesmo sabendo que jamais a ciência dará conta do Mistério? Os sete dons do

<sup>4</sup> Depoimento de Gregório Machado Barcelos, um lavrador octogenário da Ilha dos Açores, concedido em 1996 a José Orlando Bretão e transcrito por Luís Fagundes Duarte.

Espírito Santo, citados pelo nosso sábio ancião açoriano, mesmo que falem do Transcendente, falam também de uma realidade psicológica. A Psicologia contém e está contida no Sagrado. Deus transpassa o ser humano, e Jesus é o maior símbolo desta realidade. É o homem que procura Deus com todas as suas forças, a ponto de ser reconhecido por Ele e, com isso, simbolizá-lo. A Psicologia faz a exegese do Sagrado voltando-se para a interioridade humana. Distancia-se das reflexões teológicas e da exegese bíblica e busca, na estrutura psíquica, os equivalentes que justificam a experiência religiosa. A Psicologia da Religião é um braço significativo das Ciências da Religião, pois engloba aspectos da religião e da Psicologia clínica. A sua pesquisa é importante ao expressar, de forma bem definida, níveis de Consciência específicos ou mesmo arquetípicos. Trata-se de níveis de Consciência estruturados por arquétipos<sup>5</sup> que definirão o formato de cada Consciência, em conjunto com seus símbolos e comportamentos particulares.

A Psicologia da Religião é um segmento da ciência que se abre positivamente para a religião, ao observar, em seu objeto de pesquisa, as raízes fundamentais da interioridade humana. Não é o caso de reduzir a religião a uma neurose coletiva, como propôs Freud, mas de observar os saltos da Consciência que evidenciam a influência dos arquétipos no seu desenvolvimento. Por esse prisma, a religião expressa padrões de comportamento, as grandes angústias do ser humano, as inflações do ego e o caminho de volta da alienação, que é chamado, pela própria religião, de conversão.

Sobre a conversão, Jung esclarece, à luz da Psicologia:

Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo “religião”, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda a confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso<sup>6</sup> e, por outro lado, na *pistis*, na fidelidade (lealdade), na fé e na

<sup>5</sup> “Arquétipos são elementos primordiais da estrutura da psique humana; predisposições inatas que surgem na consciência como imagens, padrões ou motivos recorrentes e universais que representam e simbolizam a experiência típica humana universal de diferentes maneiras”. Glossário termos junguianos: <<http://www.salves.com.br/j-glossam.htm>>.

<sup>6</sup> Numinoso é o nome que se dá ao conceito desenvolvido por Rudolph Otto, que pode ser equiparado ao Sagrado. Trata-se de uma força sobrenatural, “uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador” (Jung, 1971, p. 3).

confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e uma mudança da consciência que daí resulta. Um dos exemplos mais frisantes, nesse sentido, é a conversão de Paulo. Poderíamos, portanto, dizer que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso (JUNG 1983, p. 4).

Com o intuito de levar o adepto à transcendência de si mesmo, as religiões, como a psicoterapia, buscam promover o reconhecimento do apego defensivo da Consciência aos objetos que a mantêm cativa e estagnada. Tal apego leva àquilo que a Psicologia conceitua como fixação<sup>7</sup> narcísica do ego, na qual os objetos são investidos de representações do próprio sujeito. A partir do momento em que se dá o processo de entendimento simbólico das fixações (conversão), a Consciência é deslocada para uma nova relação com esse objeto, na qual o excesso de projeção<sup>8</sup> da libido é transformado.

A energia psíquica, assim, desprende-se e fica à disposição do sujeito para o exercício de sua criatividade e liberdade, tanto existencial quanto espiritual. Àqueles que têm uma predisposição ao Sagrado, podemos dizer que a energia liberta volta-se às representações desse Sagrado, já que a psique é naturalmente religiosa. Também é fato que o indivíduo, liberto de suas fixações, torna-se mais presente para os que o cercam, que também são Sagrados. Ganha, portanto, o presente – ou a vida eterna, como diz a religião. Vive-se o presente eternamente. A Psicologia encontra na religião, dessa maneira, um estudo profícuo das dimensões da Consciência, já que a religião se debruça sobre questões humanas, ou seja, relativas ao apego demoníaco aos objetos, que, por estarem fixados, promovem a estagnação do ser.

Na tradição cristã, o Espírito Santo é o agente das transformações necessárias para a árdua emancipação da Consciência. O estudo psicológico evidencia que tal intento não se faz de forma linear nem de forma abrupta,

---

<sup>7</sup> Fixação é um conceito psicanalítico que indica que a libido permaneceu fixada num estágio específico do desenvolvimento da Consciência.

<sup>8</sup> Projeção é o “processo automático onde os conteúdos do próprio inconsciente de uma pessoa são percebidos por outras. Um processo natural onde uma qualidade, característica ou talento inconsciente de si próprio é percebido e refletido em uma outra pessoa ou coisa. Para Jung, a projeção significa a expulsão de um conteúdo subjetivo em um objeto, ou seja, um conteúdo subjetivo se torna alienado do objeto e é incorporado no objeto.” Glossário de termos junguianos: <<http://www.salves.com.br/j-glossam.htm>>.

como nos faz entender a religião formal. O processo de conversão é lento e demora, muitas vezes, o tempo de uma vida.

O anseio da Psicologia por reaproximar a espiritualidade de seu objeto de estudo teve em Carl Jung o seu grande pioneiro. A Psicologia, contudo, ao dissociar-se do fenômeno espiritual, ancorou-se nas ciências naturais de maneira unilateral e assim permanece até os dias de hoje. A Psicanálise, com sua ênfase na sexualidade e seu foco no complexo de Édipo<sup>9</sup>, relegou a religião a uma ilusão. Transformou, assim, a busca da realidade espiritual em um sintoma de imaturidade. Em outras palavras, a atitude religiosa nada mais seria que uma forma regressiva de aplacar a angústia infantil com substitutos “celestes” do casal parental, como fazíamos na infância ao procurarmos nossos pais biológicos em situações difíceis.

### **O Espírito Santo e a linguagem religiosa**

O Espírito Santo, que é o nosso objeto de estudo, será visto pelo ponto de vista psicológico, ora clínico, ora religioso. Assim, para iniciarmos a apresentação de algumas de suas características que têm relação com o desenvolvimento da Consciência e o sentido da vida, lançaremos mão de um mito gnóstico, que abarca, por meio de metáforas, o transporte de uma perspectiva de Consciência a uma outra, mais abrangente. A Função Transcendente, função psíquica responsável pela elaboração simbólica, será posteriormente resumida para que iniciemos também a sua compreensão como ponto central, quer seja pela ótica da religião, quer seja pela ótica da Psicologia da Religião, ou mesmo da Psicologia Clínica.

É dado ao Espírito Santo o papel fundamental da Mística. É o Espírito que leva à ação que emancipa, discrimina e desenvolve o indivíduo e o faz retornar à sua fundação humana e ontológica. É, portanto, o Espírito e a sua capacidade de levar à transcendência o aspecto que deverá ser entendido e ampliado. Para compreendermos a função do Espírito Santo na vida psicológica, devemos recorrer às parábolas. Os grandes mestres espirituais constantemente recorreram

<sup>9</sup> Complexo de Édipo: “de acordo com Freud a criança entre 2 e 5 anos aproximadamente desenvolve intenso sentimento de amor pelo genitor do sexo oposto e grande hostilidade pelo do próprio sexo, a quem deseja eliminar como a um rival. (...) De uma resolução satisfatória desse conflito depende uma boa estruturação da personalidade” Glossário com termos psicanalíticos: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/glossariofreud.html>>.

e recorrem a elas de modo pedagógico. Falam de maneira simples. Apropriam-se de aspectos do cotidiano para revelar o Transcendente. Descrevem fatos do dia-a-dia. Não se distanciam do prosaico, como querem os acadêmicos. Não apelam para a soberba, nem para os pensamentos complexos. Falam de modo humilde sobre situações em que a humildade foi vencedora. Comunicam-se por metáforas, o que parece ser a linguagem do inconsciente. Contam histórias em que a sua moral é mais importante do que seus aspectos históricos. Dispensam o ponto de vista óbvio dos níveis de Consciência mais apegados e coletivos. Dessa maneira, as mensagens são assimiladas profundamente e as pessoas vêem um novo sentido em uma situação considerada difícil de ser ultrapassada. A criança interna fica atenta e curiosa ao escutar uma história que saiu da boca da divindade. E fica feliz ao entender o seu significado.

As parábolas descrevem o diálogo do ego com o *Self* e nos comunicam esse diálogo que deve propiciar à Consciência a transcendência de níveis mais apegados (fixações e idealizações narcísicas) a níveis menos apegados e mais abrangentes e contemplativos. Assim como as parábolas, os rituais também promovem a transformação da energia da Consciência ao desfazer a sua identificação com os objetos mundanos.

As religiões e suas parábolas são abarcadas pela Psicologia de forma positiva. São vistas como veículos de padrões de comportamento psíquico de forte poder na estruturação da Consciência individual e coletiva, que, por sua vez, atuam na formação da identidade religiosa que irá delinear traços psicológicos e sociológicos. Tais traços caracterizarão a cultura, juntamente com uma série de outros fatores que também influenciam a formação da Consciência e da riqueza simbólica de um povo.

A Psicologia abre-se para as religiões na busca de suas metáforas ricas em conhecimento humano, apontando os dogmas como produções espontâneas da psique arquetípica. Contempla a inspiração religiosa e busca o seu significado simbólico. A Psicologia investiga também, na religião, a relação entre ego e *Self* por intermédio do diálogo entre eles. A formação da Consciência e o modo como ela se expressa na sua relação com o Sagrado é outra questão estudada por essa ciência. A Psicologia da Religião constitui-se num campo que diz

respeito à relação da Consciência com a função sentimento<sup>10</sup> e com a elaboração simbólica, aspectos renegados pela ciência como vetores de verdades provadas empiricamente, sendo, portanto, excluídos da racionalidade científica. Ao serem recalcados ao nível inconsciente, esses aspectos podem atuar sombriamente na parcialidade das pesquisas científicas, ditas imparciais, uma vez que não deixam de atuar no pesquisador, influenciando os resultados de seu trabalho.

### **A Psicologia Clínica**

A Psicologia Clínica lida diretamente com o sofrimento humano. É o sofrimento, oriundo das questões narcísicas, o seu objeto de pesquisa. Remonta à origem do sofrimento, à formação dos sintomas e das defesas inconscientes, e às formas de elaboração e superação. A Psicologia lida com os apegos, as distorções da percepção do outro e de si mesmo. Busca dar significado à dor e equipar de ferramentas internas o ego frágil de Consciência e liberdade.

A Psicologia é comprometida com o projeto humano. Promove, assim como a religião, o diálogo da Consciência com a sombra por intermédio do símbolo. Promove o exercício da elaboração simbólica e exerce meios de humanizar as paixões que paralisam o processo contínuo de busca de identidade e liberdade de expressão do indivíduo. Procura colaborar na formação do casamento interno tão expresso nas imagens e parábolas religiosas. O indivíduo é levado a um processo de conscientização nos níveis que forem permitidos pelo seu próprio processo.

A Psicologia clínica também se vale da riqueza e da elaboração simbólica da religião pelo seu convite à transcendência do sofrimento em suas várias formas.

### **As feridas narcísicas vistas pela Psicologia da Religião**

Objeto específico da psicoterapia, o narcisismo é também o alvo da religião. Ambas, cada uma ao seu modo, combatem a alienação narcísica

---

<sup>10</sup> Função sentimento é uma das quatro funções psicológicas definidas por Carl Jung. É uma função que avalia e julga, visando uma aceitação ou rejeição subjetivas. As demais funções são sensação, intuição e pensamento, sendo esta oposta ao sentimento.

(mecanismos de defesa<sup>11</sup> inconscientes), que promove a dissociação do ego com o *Self*. A religião, pelos olhos do espírito; a Psicologia, pelos olhos da alma. Cada qual, à sua maneira, aponta para a liberdade e para a criatividade no lugar da dependência e da esterilidade. Ambas promovem a transformação da energia psíquica estagnada na direção da realização da Consciência e, com isso, a realização do sentido da vida.

O espírito, quando cativo, deprimido e subjugado pelos complexos<sup>12</sup> negativos formados pelas feridas narcísicas, é alvo da análise profunda. A longa tarefa de libertação do espírito é a obra alquímica que deve ser realizada no consultório dos terapeutas da atualidade. É assim que o consultório do analista transforma-se no laboratório em que o consciente vai buscar a sua polaridade perdida. É no labor sincero de um encontro de intimidade que o *Self* pode se manifestar e apontar, pelos símbolos, o caminho que o ego deve seguir na busca da unidade do sujeito.

O dia-a-dia da prática clínica nos leva, invariavelmente, às questões do narcisismo. As feridas narcísicas se revelam não apenas na relação com o analista, mas também nas atuações disparatadas, em que o sofrimento aponta para uma subjetividade distorcida pela dor. A criança imatura e machucada, escondida e dissimulada pela *persona*<sup>13</sup>, é reconhecida pelo analista em sua necessidade de ser o centro do outro, da mesma maneira como já foi, um dia,

<sup>11</sup> Mecanismos de defesa são “manobras inconscientes que o *ego* se utiliza para evitar ameaças à sua integridade”. Glossário com termos psicanalíticos: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/glossariofreud.html>>.

<sup>12</sup> Complexo é um “conjunto coeso de sentimentos, pensamentos, percepções e memórias de carga emocional que existem no inconsciente individual, **agrupados** em torno de um núcleo central, que é uma imagem arquetípica que atrai em torno de si várias experiências. Um complexo é a imagem de uma certa situação psíquica que está fortemente acentuada emocionalmente e, além disso, é incompatível com as atitudes habituais da consciência. Jung vivia ressaltando que os complexos, em si, não são negativos; eles são os blocos estruturais de nossa psique e a fonte de todas as nossas emoções. Reconhecemos quando um complexo é ativado quando emoções interferem no equilíbrio psíquico e perturbam a função costumeira do ego”. Glossário de termos junguianos: <<http://www.salves.com.br/j-glossam.htm>>.

<sup>13</sup> “A *persona* é aquilo que na realidade não se é, mas que pensamos que somos.” Glossário de termos junguianos: <<http://www.salves.com.br/j-glossam.htm>>.

“*Persona* é a máscara da psique coletiva utilizada para fins de adequação social, revelando uma individualidade apenas aparente.” Marcelo Gesualdi – Psicologia Analítica – Glossário da dinâmica estrutural da psique: <[http://paginas.terra.com.br/saude/psicologiaemfoco/monografias\\_glossario\\_gesualdi.htm](http://paginas.terra.com.br/saude/psicologiaemfoco/monografias_glossario_gesualdi.htm)>.

na relação estruturante com os pais. O desejo de imperar como uma majestade, de ser idealizada, de ser objeto soberano de atenção, acima de todas as outras coisas, é a matéria-prima a ser transformada na vida adulta.

A pedra filosofal é a criança soberana fixada no egocentrismo regressivo. A prima matéria da Psicologia é a criança que transforma o outro em espelho. É a criança perversa que confunde poder com “amor” e, medo de abandono, com “paixão”. A criança carente de aprovação que domina o adulto e o faz submetido às suas exigências é o objeto mais difícil de ser conscientizado, já que o outro é sempre aquele que não lhe rendeu homenagens suficientes, nem avalizou de forma apropriada sua especialidade e singularidade. Tal questão é motivo de sofrimento, já que a meta narcísica tende à bancarrota. A lenta percepção dessa situação de desejo de centralidade é almejada no processo do amadurecimento da Consciência. O abandono do ideal grandioso de si e a volta para o *Self* é mais um ponto em comum entre a religião e a Psicologia.

A Psicologia sabe bem que sermões e sacrifícios são superficiais no que se refere à transformação de uma Consciência fixada. A Psicologia sabe, também, que a religião pode dissociar o indivíduo de si mesmo, fazendo-o identificar-se com uma *persona* rígida e idealizada e criando um abismo entre a pessoa e a sua fundação meramente humana.

O lento processo de conversão não se faz ao se abraçar uma nova religião. Isso não garante em nada a autoconsciência. Não é o batismo ritualístico que irá, por si, desfazer os efeitos destrutivos das feridas narcísicas, mas o embate constante e cheio de armadilhas com que nos deparamos no longo processo de conscientização da sombra.

Contudo, a religião não perde o seu valor, pois é, entre outras coisas, o refúgio último do desespero humano, por ser a companheira dos momentos de maior angústia para uma grande maioria de pessoas em todo o planeta. Assim sendo, sempre carrega, em sua essência, a luz da transcendência, a esperança e a utopia do amor num mundo sufocado pelo egoísmo.

## O Mito Gnóstico

O Cristianismo gnóstico<sup>14</sup>, mesmo suprimido da dogmática católica, persistiu, de forma não-institucionalizada, e influenciou profundamente a Psicologia Analítica de Jung, por possuir metáforas esclarecedoras tanto do poder criativo do *Self*, como do poder do Espírito Santo na difícil estrada da desidentificação com as representações interiorizadas no percurso da formação da identidade. Jung, que podemos chamar de “o pai da Psicologia da Religião”, reconheceu no Cristianismo gnóstico aspectos importantes do espírito do Ocidente. Reconheceu a si próprio como um gnóstico da atualidade. Percebeu que possuía uma forte identificação com o Gnosticismo, tamanha a riqueza simbólica presente em seus mitos, parábolas e lendas.

Faremos, a seguir, breves comentários acerca de um belo texto gnóstico atribuído a Tomás. Ele será descrito pela sua abrangência espiritual e psicológica, no que diz respeito à individuação<sup>15</sup>. Como nos diz Stephan A Hoeller:

Dentre os numerosos documentos que servem como veículo para expressar a experiência gnóstica, sob forma mítica, nenhum iguala a encantadora e significativa história da Canção da Pérola. Contido nos *Acts of Thomas* [*Atos de Tomás*], uma escritura apócrifa, de há muito conhecida do Cristianismo, esse poema é poeticamente atribuído a Tomás, o apóstolo de Jesus, muito reverenciado pelos gnósticos (HOELLER 1989, p 158).

### A Canção da Pérola

Quando eu era criança e vivia no reino de meus pais e usufruía a riqueza e o esplendor daqueles que me criaram, meus pais decidiram me

<sup>14</sup> “Gnosticismo designa o movimento histórico e religioso cristão que floresceu durante os séculos II e III, cujas bases filosóficas eram as da antiga *Gnose* (palavra grega que significa *conhecimento*). Esse movimento reivindicava a posse de conhecimentos secretos (a ‘gnose apócrifa’, em grego) que, segundo eles, os tornava diferentes dos cristãos alheios a esse conhecimento. (...) No século XX, Carl Gustav Jung pesquisou profundamente as doutrinas gnósticas, inclusive ajudando no trabalho de organização da Biblioteca de Nag Hammadi, e fez uma ligação entre os mitos gnósticos e os arquétipos do inconsciente coletivo”. Wikipedia: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gnosticismo>>.

<sup>15</sup> A individuação é “a busca de unidade psíquica através da reconciliação de opostos, o que é nada menos do que o atingimento da individualidade, a posse de tudo que potencialmente existe na psique e, portanto, a meta e significado da existência humana”. Glossário para leitura de Jung: <<http://br.geocities.com/famadas2003/glossario-jung.html>>.

mandar para uma viagem, longe do nosso lar no Oriente. Eles, porém, não me enviaram sem provisões, pois prepararam-me um pacote, da abundância de nossos tesouros; a bagagem continha ouro, prata, calcidão e opalina. Além disso, cingiram-me com adamas, um metal tão duro que tritura o ferro. Grande era a carga dessas provisões, no entanto também era leve, de modo que eu pudesse carregá-la sozinho.

Minha esplêndida veste de glória, que com amor haviam feito para mim, eles agora a tiraram dos meus ombros, e também o manto púrpura que me servia com perfeição. E fizeram comigo um acordo que escreveram no meu coração, para que eu nunca o esquecesse. Dizia o seguinte:

*Se fores ao Egito e nos trouxeres a Pérola Única, que repousa no fundo do mar, guardada pela serpente tonitruante, então, quando voltares, vestirás novamente tua veste de glória e teu manto real e, junto com teu irmão, nosso vice-rei, serás o herdeiro do nosso reino.*

Deixei o Oriente, acompanhado por dois enviados reais que tinham ordem de me atender, porque eu era jovem e precisava de ajuda em jornada tão perigosa. Passei por várias terras que estavam entre o Oriente e a terra do Egito. Quando cheguei à fronteira do Egito, meus guardiões me deixaram.

Tendo chegado ao Egito, viajei a um lugar perto do mar, onde sabia que a serpente vivia. Estabeleci-me numa estalagem, para esperar o momento em que a serpente estivesse dormindo, a fim de tomar-lhe a pérola. Eu era um estranho para os outros que moravam na estalagem. Lá, encontrei alguém que era como eu, agradável, familiar e descendente da realeza. Recebi dele um conselho para me resguardar contra os egípcios, pois eles eram impuros. Assim, disfarcei-me usando as vestes dos egípcios, para que eles não pudessem descobrir que eu era um estrangeiro, tentando tomar a pérola, e para que não pudessem, depois, atizar a serpente contra mim. No entanto, logo eles reconheceram que eu não era seu compatriota, simularam amizade por mim e me persuadiram a tomar uma bebida e comer o que eles prepararam para mim.

Ter sucumbido às lisonjas dos egípcios foi para mim uma grande calamidade. Desfaleci em um esquecimento e não sabia mais que era filho de um rei e passei a servir ao seu rei. Esqueci completamente da pérola, para a qual meus pais me haviam enviado.

Meus pais, no seu reino, souberam o que me acontecera e se affigiram por mim. Eles emitiram uma proclamação e convocaram os grandes do reino para uma reunião, na qual elaboraram um plano para não permitir que eu definhasse no Egito. Escreveram-me uma carta e cada um dos grandes a assinou:

*De teu pai, o Rei dos Reis, e de tua mãe, a regente do Oriente, e de teu irmão, nosso vice-rei, para ti, nosso filho no Egito, saudações. Acorda e sai de teu profundo sono e fica alerta à mensagem da nossa carta. Lembra-te de quem és: o descendente de um rei. E vê a quem estás servindo em sombria escravidão. Lembra-te, também, da pérola, pela qual viajastes para o Egito. Lembra-te da tua veste de glória e do teu esplêndido manto, a fim de que chegue o momento em que eles possam, novamente, repousar sobre os teus ombros e, por eles envolvido, teu nome possa ser lido no livro dos heróis e te possa tornar, com teu irmão, nosso vice-rei, herdeiro do nosso reino.*

Essa carta foi uma mensagem mágica para mim. Meu pai a lacrou de tal modo que ela ficasse protegida contra os terríveis habitantes das regiões por onde deveria atravessar antes de chegar à minha casa. A carta voou sob forma de uma águia, rei de todas as aves, até chegar ao meu lado, onde ouvi a sua fala. Ao ouvir a mensagem, acordei do meu sono, levantei-me, peguei a carta, beijei-a, abri seu lacre e li o seu conteúdo. As palavras eram as mesmas que antes haviam sido inscritas no meu coração. Lembrei-me de tudo: que eu era filho de reis e que minha alma, nascida para a liberdade, ansiava por encontrar seus pares.

Também me lembrei da pérola, em busca da qual viera para o Egito. Então, enfeitei a serpente tonitruante, cantando para ela o nome de meu pai, de meu irmão e de minha mãe, a regente do Oriente. Agarrei, então, a pérola e voltei, para ir ter com meus pais. Retirei os trajés impuros dos habitantes daquela terra e dirigi meus passos na direção da luz da nossa terra, o Oriente.

Enquanto prosseguia em meu caminho, eu era guiado pela carta que me acordara e, como outrora ela me estimulara com sua voz, agora me guiava com a sua luz, brilhando à minha frente. Sua voz me encorajava contra o medo, enquanto seu amor me fazia prosseguir. Assim, continuei e passei pelas regiões e cidades que ficam entre a terra do Egito e a minha terra, o reino do Oriente.

Então, os tesoureiros enviados por meus pais, que por sua fidelidade foram incumbidos dessa missão, trouxeram-me minha esplêndida veste, que eu havia tirado, e também o meu manto real. De fato, eu não me lembrava

mais de sua magnificência, pois fazia muito tempo que eu os havia abandonado, na casa paterna. Mas, de repente, quando os vi sobre mim, a esplêndida veste de glória pareceu mais e mais com o meu próprio reflexo: eu a vi como se fosse o meu próprio ser, e a diferença entre ela e mim se desvaneceu de modo que éramos dois em diferenciação, mas um só em singular união. Mesmo os dois tesoureiros que trouxeram minha veste me pareciam uma única pessoa, marcados com o selo de majestade de meu pai.

Observei, melhor, então, a veste, em seu esplendor. Estava enfeitada com cores gloriosas; sobre ela, havia ouro e diversas jóias e, em suas bordas, adamas. A imagem do Rei estava pintada em toda a veste e eu vi se moverem sobre ela os movimentos ondulantes da santa Gnose. Percebi, também, que a veste estava prestes a falar comigo, e o som de grandes hinos ressoou em meus ouvidos, enquanto ela pousava sobre mim: “Eu sou aquele que produziu as ações daquele para quem eu fui gerado na casa de meu pai e percebi, no meu interior, como minha estatura aumentou de acordo com suas obras”. E a veste se acomodou inteiramente sobre mim com movimentos de realeza e pulou das mãos daqueles que a seguravam, para que pudesse descansar sobre os meus ombros. E eu a amei tanto que corri até ela para recebê-la. Estendi meus braços e me cobri com suas gloriosas cores, ficando inteiramente envolvido por essa real veste de glória.

Nela envolvido, subi, então, para os portões de saudação e adoração. Inclinei minha cabeça e adorei o esplendor de meu pai, que me enviara a veste, cujas ordens eu cumprira e que cumprira comigo o prometido. E, no portal de sua nobreza, encontrei os grandes do seu reino. E meus pais estavam jubilosos de me receber, pois agora, finalmente, juntara-me a eles no seu reino. E com poderosa e melódica voz, todos os seus servos os louvaram e eles exclamaram que haviam prometido que eu deveria voltar à corte do Rei dos Reis, para que, tendo trazido a pérola, aparecesse junto com ele.<sup>16</sup>

O texto resume a condição humana em sua jornada na Terra. A peregrinação da Consciência esquecida de sua origem é relatada. O ser humano sofre de uma amnésia espiritual, de uma alienação profunda de suas origens, ao mesmo tempo em que padece de uma arrogância desmedida, já que não reconhece as suas limitações e, por não reconhecê-las, projeta-se em tudo e em todos, ora possuído pelos seus desejos, ora atuando como legislador implacável de seu semelhante.

<sup>16</sup> O mito é de autor desconhecido e foi retirado de HOELLER (1989, p 158).

O Satanás, que caiu como um raio do imaginário de Jesus, conforme vimos na citação de Lucas, parece fazer referência a essa condição humana: em amnésia, arrogante por crer-se poderosa por si mesma e dissociada da força da qual é totalmente dependente. Obscurecido por si próprio e identificado com sua persona, o indivíduo tende a sentir-se dono da energia que o sustenta.

**Tendo chegado ao Egito, viajei a um lugar perto do mar, onde sabia que a serpente vivia.**

O Egito simboliza a terra de alienação em que o ser humano se perde de si mesmo, ou, em outras palavras, afasta-se de sua própria alma. O mar simboliza o inconsciente, e a serpente, o poder da sombra que habita as águas da indiferenciação.

A psicoterapia, na modernidade, é o local em que a indiferenciação ou, se preferirmos, o incesto, é acolhido como o objeto a ser observado e conscientizado tanto pelo analista quanto pelo analisando. O fenômeno da transferência<sup>17</sup> também é revivido e atualizado na relação com o analista, já que o incesto das figuras parentais deverá se repetir na análise, assim como na vida. Na transferência, as projeções atualizadas devem ser apontadas na relação analítica, levando ao despertar do sono profundo da alienação, da amnésia, ou de uma forma infantilizada de ser.

A amnésia é, assim, o mar do inconsciente reprimido pelos mecanismos de defesa. A identificação com tais mecanismos torna o herói cativo de sua neurose. Ele deverá tornar-se consciente de sua prisão psíquica no percurso da análise, quer seja pelos sonhos, quer seja pelo fenômeno da transferência. O conteúdo reprimido tende a ser atuado no presente, isto é, revivido inconscientemente. O indivíduo passa a ser vítima de si mesmo e projeta no mundo externo a causa de seus sofrimentos. Na projeção, o outro passa a ser o seu algoz. O que é sintoma da amnésia é entendido, pelo indivíduo, como dor existencial. O neurótico não reconhece a sua realidade como espelho da sua própria história recalçada e, com isso, é estrangeiro em si mesmo, repetindo, em seus

<sup>17</sup> Transferência é o “processo pelo qual o indivíduo recapitula em suas relações atuais, especialmente com seu terapeuta, as relações que teve com seus genitores na infância. A transferência se dá geralmente com pessoas que representam alguma autoridade como no relacionamento professor-aluno, médico-paciente, patrão-empregado. Freud, a princípio encontrou na transferência um obstáculo para o tratamento, porém mais tarde utilizou-a como uma parte essencial do processo terapêutico”. Glossário com termos psicanalíticos: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/glossariofreud.html>>.

relacionamentos, conflitos reprimidos. Fica caracterizada, assim, a neurose.

A conscientização do passado e dos conflitos nos liberta das fixações. Os mecanismos de defesa, na linguagem psicológica, nos condenam ao esquecimento da nossa própria história. O inconsciente nos faz revivê-la tantas vezes quantas forem necessárias, até a apropriação do conteúdo esquecido para a transformação da fixação e da estagnação do processo de individuação.

**Assim, disfarcei-me usando as vestes dos egípcios, para que eles não pudessem descobrir que eu era um estrangeiro, tentando tomar a pérola, e para que não pudessem, depois, atirar a serpente contra mim.**

O disfarce representa a *persona*, com a qual, muitas vezes, a Consciência se identifica. No processo de individuação, a Consciência precisa perceber que a *persona* é apenas um invólucro, algo que nos é dado pela cultura, mas que não é nosso eu essencial. Além disso, muitas vezes optamos por uma *persona* adaptada, reprimindo o nosso verdadeiro eu e dele nos dissociando.

Ser estrangeiro é reconhecer-se estranho neste mundo, como Jesus várias vezes disse nos Evangelhos: “Eu não sou deste mundo”. Assim como Jesus, o peregrino que busca a pérola é filho do casal real, que é uma metáfora da origem cósmica e não-cultural do ser humano. Alguns autores da Psicologia Profunda<sup>18</sup> postulam que o *Self* é bipolar, isto é, pai-mãe, ou rei-rainha, são as polaridades arquetípicas numinosas que projetamos em nossos pais. Essa projeção é necessária, para que possamos idealizá-los como o casal real da nossa história, que iremos, depois, internalizar. Esse processo é fundamental no início da vida. Contudo, a retirada posterior da projeção é também necessária na busca da pérola, o nosso ser essencial.

Projetamos esse ser em Jesus Cristo. Os budistas, por sua vez, o projetam em Buda. Os mecanismos de defesa que levam à alienação também são coletivos. Existe uma cumplicidade sombria entre aqueles que negam a verdade. É uma aliança que se faz na sombra e que resulta no sacrifício daquele que está mais perto da pureza original, o bode expiatório que exprime a fragilidade de todos nós. Acabamos por projetá-la, coletivamente, numa única pessoa ou num grupo minoritário.

<sup>18</sup> Psicologia Profunda ou Psicologia Analítica é a psicologia junguiana, ramo de conhecimento e prática da Psicologia iniciado por Carl Gustav Jung.

Identificar-se com a serpente é estar narcotizado por valores mundanos que não exaltam a liberdade, o amor e a promoção do ser humano rumo à sua plena realização. Na filosofia hindu, utiliza-se o termo *Maya* para designar o mundo das formas, no qual o desejo nos enreda pelos sentidos e nos mantém fixados. A energia psíquica pode, assim, fixar-se, estagnando o processo de individuação, que é o reconhecimento e a busca daquilo que temos de mais sagrado.

**No entanto, logo eles reconheceram que eu não era seu compatriota. Simularam amizade por mim e me persuadiram a tomar uma bebida e comer o que eles prepararam para mim.**

Simular uma amizade, no sentido espiritual, é reforçar as identificações narcísicas do “amigo” com objetivos que em nada levam à liberdade e à identidade profunda. Ao contrário, a adulação fortalece a auto-imagem idealizada, distanciando o indivíduo de si mesmo. Na diferenciação, as amizades que outrora nos faziam sentido, passam a constituir-se de obstáculos e motivos de conflito. As amizades também podem simbolizar os complexos autônomos que se misturam com o ego, embriagando-o com emoções e desejos que podem afastar a pessoa de sua essência e realização.

Beber e comer é, portanto, alimentar-se de valores, do mesmo modo que, para fazer parte do seguimento de Jesus, precisamos beber de seu sangue e comer de sua carne. Muda-se a dieta espiritual: a Consciência alienada pela serpente converte-se no reino que gera o indivíduo, que é a metáfora do recobrar da Consciência original.

**Ter sucumbido às lisonjas dos egípcios foi para mim uma grande calamidade. Desfaleci em um esquecimento e não sabia mais que era filho de um rei e passei a servir ao seu rei. Esqueci completamente da pérola, para a qual meus pais me haviam enviado.**

Ter sucumbido às lisonjas é ter-se enfeitiçado pela própria vaidade. Como já disse Mestre Eckhart (cf. JUNG, 1990, p. 127), “Aquele que te adoça a vida é teu inimigo. Se o teu olho vê todas as coisas, teu ouvido ouve todas as coisas e teu coração se lembra de todas as coisas, na verdade, em todas as coisas a tua alma é destruída”. A vaidade é a porta de entrada para a sombra. A pérola simboliza

a alma, que não se nutre pela vaidade do ego, mas pelo sentimento e cultivo de tudo o que é bom e faz sentido no caminho da individuação.

**De teu pai, o Rei dos Reis, e de tua mãe, a regente do Oriente, e de teu irmão, nosso vice-rei, para ti, nosso filho no Egito, saudações. Acorda e sai de teu profundo sono e fica alerta à mensagem da nossa carta. Lembra-te de quem és: o descendente de um rei. E vê a quem estás servindo em sombria escravidão. Lembra-te, também, da pérola, pela qual viajastes para o Egito. Lembra-te da tua veste de glória e do teu esplêndido manto, a fim de que chegue o momento em que eles possam, novamente, repousar sobre os teus ombros e, por eles envolvido, teu nome possa ser lido no livro dos heróis e te possa tornar, com teu irmão, nosso vice-rei, herdeiro do nosso reino.**

O Rei dos Reis é Deus. A mãe é a Sua polaridade feminina. Seu irmão, o Cristo, símbolo do *Self*, a divindade sobre a qual falamos no início deste trabalho, isto é, a verdadeira identidade do sujeito que, por isso, é ontológica. Acordar pode significar o despertar da Consciência de suas representações psíquicas, que também podemos denominar *Maya*. A luz da Consciência, que por si é a última realidade, quando identificada consigo mesma, observa a própria psique como uma realidade relativa, isto é, como representações distorcidas do outro e de si mesma.

Ser descendente de um rei é ser fruto da Vontade do Criador. Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do fim do século XVIII, postulava que o que observamos no mundo, por meio do Princípio da Razão, já influenciados pela idéia das coisas e não pelas coisas-em-si, é apenas fruto de uma representação. A própria Psicanálise, de outra maneira, vai dizer: “quando Pedro fala de Paulo, Pedro fala mais de Pedro do que de Paulo”. O caminho da Gnose não é um distanciamento do mundo, mas um reconhecimento da psique como sendo submetida por deuses (arquétipos), ou pelo Demiurgo, que escraviza a luz da Consciência às representações e a entende como a última realidade das coisas. Tal consciência é demoníaca, pois se comporta de modo arrogante, a julgar o próximo de acordo com suas próprias leis, oriundas de um legislador – o ego – que se coloca como centro do mundo.

Trata-se, portanto, do objetivo de qualquer análise profunda, o reconhecimento das representações inconscientes que interiorizamos e com as quais nos identificamos. A lenta retirada das projeções e das identificações e o

afastamento das representações são o início do retorno da energia da Consciência a si mesma. Quanto mais apegada a Consciência está às representações arquetípicas, mais elas são percebidas como realidade.

Tal elaboração se faz por intermédio da Função Transcendente ou pelo Espírito Santo. O caminho é tortuoso e simbólico. A realidade simbólica, quando sobrepuja a visão unilateral dos fenômenos psíquicos, de algum modo transcende, também, o mundo dos opostos, que está sujeito ao tempo e ao espaço. Transcende, portanto, o próprio sujeito, isto é, o próprio sujeito se transcende e não se identifica mais com o ponto de vista do ego. O rei e a rainha não pertencem ao tempo, nem ao espaço. E, segundo o filósofo, só são alcançados – ou resgatados – pela intuição pura; e não pelo Princípio da Razão.

Neste momento, citaremos o próprio Schopenhauer, que tanto influenciou a Psicologia Analítica:

As coisas particulares, em todos os tempos e espaços, são apenas as Idéias [oriundas de arquétipos] multiplicadas (turvadas na sua pura objetividade) pelo princípio da razão, forma do conhecimento dos indivíduos enquanto tais. Da mesma maneira que, quando a Idéia aparece, sujeito e objeto não são mais diferenciáveis (...) também o indivíduo que conhece e o que é conhecido não são mais diferenciáveis como coisa-em-si, pois, quando abstraímos por completo o MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO, nada mais resta senão o MUNDO COMO VONTADE (SCHOPENHAUER, 2005, p. 248).

A conversão, portanto, é o trabalho de diferenciação do Espírito Santo. No Evangelho (a carta dos reis), Jesus fala: “Não vim trazer a paz, mas a espada” (Mt 10, 34-39).

A carta trazida pela águia significa o recado da religião. O Espírito Santo é a águia que vem do céu trazendo a memória que liberta a Consciência em estado de amnésia. É a capacidade simbólica reconstituída pela Função Transcendente que libertará da literalidade a Consciência plasmada na matéria. A carta se faz por parábolas. O Espírito Santo ajuda a compreensão do sentido dessas parábolas. Faz-se, assim, a ponte entre o mundo da serpente, onde reina uma vida sem sentido, escravizada pelos ideais mundanos, e o mundo da glória, onde reina a liberdade.

A reconstrução da Consciência faz-se pelas retiradas das projeções, tal como disse Jesus: “Dai a outra face”, já que, na esfera da serpente, reina o “olho por olho, dente por dente”. Assim, é pelo Espírito Santo que a Consciência chega à transcendência ou à autotranscendência.

É o corpo glorioso<sup>19</sup>, do qual nos fala São Paulo, o lembrete da carta. É o grande objetivo de todo aquele que busca a transcendência. É a coroa prometida aos santos. Para chegarmos a ela, temos de nos lançar de corpo inteiro ao nosso processo de individuação; temos de lembrar da nossa insuficiência, da nossa total dependência de nossos pais celestiais. Temos de admitir os nossos impulsos sádicos, onipotentes, e toda a nossa inclinação ao poder e à arrogância, assim como fez Jesus no deserto, ao ser tentado por sua própria sombra. É preciso que reconheçamos nossos pecados e nossa sombra envolvida em auto-idealizações que nos fazem ébrios de nós mesmos. Aí está a pérola: na humildade e no reconhecimento de nossa vulnerabilidade. Um corpo livre das demandas narcísicas e das culpas da moral coletiva.

A meta do homem livre pelo Espírito é o corpo que paira sem se fixar no prazer, no poder ou nas convicções moralizantes. O corpo leve e aberto para o *Self* é a nossa mais profunda e última realidade.

### **A função Transcendente**

Carlos Byington (1996, p.128) faz um bom resumo da função simbólica e conta um pouco de Jung, o responsável pela observação dessa função pelo prisma científico:

A Função Transcendente foi descrita em 1916 e publicada somente em 1956 [...]. Jung demorou quarenta anos para publicar a Função Transcendente. Foram quatro décadas, durante as quais ele concebeu e aplicou a Teoria dos Arquétipos, que lhe permitiu explicar, através do modelo científico, a vivência de transcendência do Eu, que havia tido na dimensão esotérica (vivência sem compreensão racional). A partir dessa obra, a Função Transcendente tem sido reconhecida como a função que liga o Ego e a Consciência aos arquéti-

<sup>19</sup> “Quanto a nós, a nossa cidadania existe nos céus, donde também aguardamos ansiosamente um salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual remodelará o nosso corpo humilhado para ser conforme ao seu corpo glorioso, segundo a operação do poder que ele tem, sim, de sujeitar todas as coisas a si mesmo” (Fl 3,20-21).

pos. A partir do reconhecimento da formação da identidade do Eu e do Outro, coordenada por arquétipos, através de símbolos e funções estruturantes, a Função Transcendente adquire um papel central no processo de elaboração simbólica. É ela que nos permite conceber a vivência simbólica, que forma e modifica a Consciência, coordenada pelo Arquétipo Central e pelos demais arquétipos (BYINGTON, 1996, p.128).

Como entender psicologicamente níveis de Consciência que a linguagem religiosa define com tanta graça e precisão? Qual nível de Consciência está preparado para a realidade religiosa?

Trata-se da Consciência de Alteridade, por ser aquela apta à contemplação das polaridades em movimento em todos os aspectos da vida, mais especificamente as polaridades consciente-inconsciente, que se relacionam por intermédio dos símbolos.

Podemos, assim, definir a Consciência de Alteridade como um nível mais desenvolvido de consciência que o nível da consciência patriarcal, uma vez que esta não integra, mas apenas diferencia o eu do outro.

A Função Transcendente é a função psíquica que viabiliza a leitura da carta. A carta deverá ser lida pelos olhos do Espírito, e o Espírito não faz a leitura literal. Função Transcendente é a função psíquica que propicia o entendimento simbólico dos eventos da vida. De nada vale lembrarmos de nossos sonhos noturnos sem a atenção desperta para a nossa própria psicodinâmica, pois eles só fazem sentido se soubermos o que estamos passando na época em que sonhamos. Somente se estivermos abertos à nossa realidade afetiva e simbólica, teremos um entendimento maior a respeito de nós mesmos. Só assim, poderemos relacionar as imagens oníricas dos sonhos à nossa vida existencial.

Temos, também, de estar atentos aos nossos corpos, aos nossos sintomas, às nossas relações, aos nossos animais de estimação, a tudo que nos cerca. As nossas doenças nos falam de nós mesmos, nos falam de uma realidade inconsciente que, por algum motivo, não pode ser simbolizada. Qual o sentido daquela dor naquele momento? Por que aquela ansiedade? Qual o motivo daquela tontura? Raivas e sentimentos hostis fazem parte da vida e também são símbolos que nos pedem a devida atenção. Se não observarmos em nós mesmos nossas emoções

*Agnes*, São Paulo, (8), 119-147, 1.sem., 2008

de “segunda classe”, acabamos por projetá-las em alguém. As sincronicidades<sup>20</sup>, que são os eventos misteriosos que chamamos de coincidência, falam-nos de uma realidade inconsciente que podemos apenas tatear.

Não se trata de decorar uma carta de bons costumes ou da boa ética e empurrar a sombra para debaixo do tapete, aos moldes dos fariseus hipócritas, mas de ler a carta-águia no aqui e agora, no símbolo vivo de cada dia. No pão nosso de cada dia.

Assim, a carta é a nova leitura que nos transforma a cada nova descoberta sobre nossa própria sombra, da mesma forma que está sempre transformando a nossa visão do outro. Não é uma nova moral a ser interiorizada por uma autoridade ditatorial, em quem somos levados a crer em nome de um céu ou de um inferno. Não se trata da lógica patriarcal de crime e castigo da religião ditada por uma autoridade religiosa que tem o poder de aumentar ou diminuir a nossas culpas. Não se trata de uma mente infantil que barganha com um Deus antropomórfico. Não é, portanto, um manual de bom comportamento. Trata-se do espírito da águia que se alimenta de símbolos e não de dogmas.

Podemos lembrar do filósofo Nietzsche, no quinto livro de *A Gaia Ciência*:

Os crentes e a sua necessidade de crença

Onde um homem chega à convicção fundamental de que é preciso que mandem nele, ele se torna “crente”; inversamente, seria pensável um prazer e força de auto-determinação, uma liberdade da vontade, em que o espírito se despede de toda a crença, de todo desejo de certeza, exercitado, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas e possibilidades, e mesmo diante de abismos, dança ainda. Um tal espírito seria um espírito livre *par excellence* (NIETZSCHE, 1980, p. 221).

Nada tem a ver, como se percebe, com crença, mas sim com a experiência contínua e dinâmica. A Função Transcendente viabiliza a experiência do ego na dança constante entre o mar do inconsciente e a areia receptiva do consciente. É uma religiosidade viva e transformadora. A Consciência baixa a guarda da *persona* e de suas defesas e se abre para o outro que existe dentro

<sup>20</sup> Sincronicidade é o “conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung para definir acontecimentos que se relacionam não por relação causal mas por relação de significado. A sincronicidade é também chamada por Jung de ‘coincidência significativa’”. Wikipedia: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincronicidade>>.

do Si-mesmo. Não existem mais virtudes fixas, pois, o que ontem foi um traço de caráter edificante, hoje pode ser uma fixação a ser transcendida em nome do desenvolvimento da Consciência.

Numa carta a Monsieur A. Zarine, em 1939, Carl Jung define a Função Transcendente de forma simples e clara, utilizando metáforas religiosas:

Tomemos, por exemplo, o caso clássico da tentação de Cristo. Dizemos que o demônio tentou Cristo, mas poderíamos dizer também que se tratava de um desejo inconsciente de poder que se aproximou de Cristo na forma do demônio. Os dois lados se manifestaram: o claro e o escuro. O demônio quer seduzir Jesus a declarar-se o senhor do mundo. Jesus não quer sucumbir à tentação e daí, graças à função (transcendente) que resulta de todo conflito, surge um símbolo, isto é, a idéia do reino celestial, o reino espiritual em vez do reino material. Neste símbolo estão unidas duas coisas: a atitude espiritual de Cristo e o desejo satânico de poder. Portanto, o encontro de Cristo com o demônio é um exemplo clássico da Função Transcendente. Aqui ela aparece como uma experiência pessoal e espontânea. Mas ela também pode ser um método: quando se procura conhecer a vontade inconsciente contrária com a ajuda de sonhos e outras manifestações do inconsciente. Então a personalidade consciente é confrontada com a posição contrária do inconsciente. O conflito resultante leva — graças à Função Transcendente — a um símbolo que concilia os pontos de vista opostos. O símbolo não pode ser escolhido ou construído conscientemente; ele é uma espécie de intuição ou revelação. Portanto, a Função Transcendente só é método sob um aspecto, sob outro é experiência espontânea.

Naturalmente essas experiências só se encontram nas pessoas que não têm convicções religiosas profundas. Para uma fé claramente definida existem também idéias bem definidas dentre as quais é possível escolher um símbolo. Dessa maneira o conflito é evitado ou, melhor, a oposição não se manifesta, pois vem coberta por uma imagem dogmática (Cristo, por exemplo). [...] A expressão “Função Transcendente” é a designação precisa da passagem de um estado para outro. [...] Portanto, só encontramos a Função Transcendente em pessoas que já não possuem sua convicção religiosa original, ou nunca a tiveram e, por isso, são confrontadas diretamente com o seu inconsciente. Foi este o caso de Cristo. Ele era um reformador religioso que se opôs à religião tradicional de seu tempo e de seu povo. [...] A Função Transcendente não é nada que nós mesmos criamos, mas surge quando experimentamos a luta dos opostos (JUNG, 1999, p. 277).

Jung nos fala de uma ascese que não se estabelece pela repressão de uma das polaridades. Ele sabia, por sua experiência pessoal e clínica, que, ao suprimir uma polaridade da Consciência, ela se transforma em algum tipo de sintoma, quer seja físico, psicológico ou social. De alguma maneira, o símbolo e a energia que o constitui encontram um modo de se alojar na sombra e, como um vírus, irão se manifestar quando as condições estiverem propícias a ele. As infecções oriundas da repressão ou da amputação, de uma forma ou de outra, recairão sobre o indivíduo, sobre sua geração e seus descendentes, invariavelmente.

O pai da Psicologia Analítica conhecia bem a economia psíquica e a forma como se estrutura a psicodinâmica e a formação dos sintomas. Jung desconfiava de uma ascese patriarcal em que uma das polaridades é reprimida em nome de um ideal religioso. Sabia também que cumprir as expectativas de um ideal muito acima das condições humanas pervertia a natureza e que ela, mais cedo ou mais tarde, voltaria para exigir o que era dela. Tal como os alquimistas, sabia que a obra requer o adepto por inteiro. Ao mesmo tempo, estava consciente de que a vida é luta contra a natureza. A individuação não se faz pela amputação e repressão da sombra, pois tal caminho não expande a Consciência, mas na tensão dos opostos, ou na crucificação entre os ladrões, como se mostra no Evangelho. A vida humana, assim como a vida de Jesus, é sujeita ao conflito dos opostos até a hora da morte. É na tensão, no diálogo com a sombra, que podemos transcender a nós mesmos. É na alteridade, na dialética, que podemos transcender as forças arquetípicas que nos mantêm cativos.

Podemos concluir que existe um fenômeno que a Teologia entende como Espírito Santo e que a Psicologia Analítica postula cientificamente como Função Transcendente. Este fenômeno é o responsável pelo nosso encontro com a nossa essência divina. É por seu intermédio que nos reconhecemos à imagem e semelhança de Deus.

No entanto, para que tal encontro com o centro divino ocorra, faz-se necessário um árduo trabalho com a sombra, no deserto de nossa interioridade. Como bem identificou Guimarães Rosa (1986), “o sertão é dentro da gente”. É no conflito entre as pedras que nascem as faíscas do fogo do Espírito e, do seu fogo, emana a luz da Consciência. Ao completarmos a travessia e transcendermos a “amnésia”, como dizem os gnósticos, talvez

possamos ser, aos olhos do outro, um reflexo do Pai que nos enviou. Não como novos messias, mas como espelhos de sua realidade misericordiosa. Não mais como legisladores que não reconhecem a sua própria aridez, mas como o sol que brilha indiscriminadamente para justos e injustos, sem “toleimas ou maldades escondidas”, como disse o velho lavrador, reconhecendo que a justiça e a injustiça habitam nossa interioridade.

A influência do Espírito Santo na alma promove uma grande transformação na Consciência. A diferenciação, como já dissemos, pode nos levar à compaixão por tudo o que vive e está cativo às leis do espaço e do tempo, já que reconhecemos os limites de nossa Consciência e a distorção dos nossos julgamentos. Tudo perece e, portanto, precisa ser transcendido. Em última análise, o processo de individuação pode ser entendido como um processo de sublimação, isto é, de autotranscendência, que é feito pela elaboração simbólica no percurso da vida, no percurso do rio em direção ao mar. O sentimento e a intuição, bem como a sensação e o pensamento, são convidados a marcar presença em todo o desenvolvimento da elaboração simbólica.

Assim, não é pelo Princípio da Razão, mas pela sua superação, que alcançaremos a libertação narcísica. Como diriam os alquimistas, a obra precisa do adepto de corpo inteiro.

Portanto, pelo viés simbólico e pelo entendimento da divindade no centro do indivíduo, que procuramos aproximação da Psicologia com a Teologia, ciências que, por algum motivo, se separaram. Quem sabe não seja o Espírito Santo, ou a Função Transcendente, que as conectará numa unidade na qual Deus e o homem se encontrem definitivamente. Quem sabe assim, um dia, a Igreja possa, além de ser um templo onde a graça da Eucaristia e a mensagem do Evangelho são oferecidas, ser também um lugar de acolhida e auxílio àquele que busca o auto-conhecimento por meio do entendimento dos seus próprios símbolos. Quando o sacerdote não apenas perdoar ou condenar, mas propiciar a emergência do significado simbólico daquele que busca a auto-superação, abarcando também o tesouro escondido no sofrimento, a Igreja poderá vir a ser o lugar da libertação proposta por Jesus. Afinal, como Ele ensinou no Evangelho apócrifo de Tomé, “o Reino está dentro de vós”.

## Referências

- BYINGTON, Carlos A. B. *Pedagogia Simbólica. A Construção Amorosa do Conhecimento de Ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo: Uma Síntese Fascinante dos Conceitos Psicológicos Fundamentais de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- FERNANDES, Roberto R. *A Psicologia Profunda no Novo Testamento*. São Paulo: Vector, 2004.
- FREUD, Sigmund. *The Future of an Illusion*. Londres: Hogarth Press e Instituto de Psicanálise, 1928.
- HOELLER, Stephan A. *Jung e os Evangelhos Perdidos: Uma Apreciação Junguiana Sobre os Manuscritos do Mar Morto e a Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. *Cartas. 1906-1945*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1983 (Obras completas, v. XI).
- LOWEN, Alexander. *Narcisismo: Negação do Verdadeiro Self*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Ediouro, 1980.
- ROHDEN, H. *O Quinto Evangelho: A Mensagem de Cristo Segundo Tomé*. São Paulo: Alvorada, 1983.
- ROSA, João G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo Como Vontade e Como Representação*. São Paulo: Unesp, 2005.
- DUARTE, Luís Fagundes. *A Influência de Joaquim de Flora em Portugal*.  
[http://www.triplov.com/espírito/fiore/luis\\_fagundes\\_duarte/](http://www.triplov.com/espírito/fiore/luis_fagundes_duarte/) 30 de setembro de 2007.

*Recebido em abril de 2008.  
 Aprovado em maio de 2008.*